



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
*CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PÓS –GRADUAÇÃO LATO SENSU EM
METODOLOGIA E ENSINO DA GEOGRAFIA.*

**O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO PARA EDUCADORES E
EDUCANDOS DO TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM GEOGRAFIA NA CIDADE DE MIGUEL
CALMON-BAHIA**

CLECION SAMPAIO GOMES

JACOBINA †
2005

CLECIOM SAMPAIO GOMES

**O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO PARA EDUCADORES E
EDUCANDOS DO TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM GEOGRAFIA NA CIDADE DE MIGUEL
CALMON-BA.**

Monografia apresentada à professora Dr^a.
Benedita Pereira de Andrade, como
avaliação final do Curso de Especialização
Pós-Graduação *Latu Sensu* Metodologia e
Ensino de Geografia, no Departamento de
Ciências Humanas – Campus IV, da
Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

JACOBINA
2005



CLECIÓN SAMPAIO GOMES

**O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO PARA EDUCADORES E
EDUCANDOS DO TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM GEOGRAFIA NA CIDADE DE MIGUEL
CALMON-BAHIA.**

Monografia de conclusão do curso de Especialização Pós-Graduação *Lato Sensu* em
Metodologia e Ensino de Geografia, aprovada em _____ de _____ de _____.
Pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^ª Dr^ª Benedita Pereira de Andrade
Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

Prof^ª M. Jorima Valoz dos Santos
Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

JACOBINA
2005

Dedico este trabalho a todos àqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização destas reflexões.

Em primeiro lugar a Deus pela vida que me destes, a minha família que me incentivou bastante; Em especial, ao meu grande amor Clécia O. da S. Gomes, minha estimada esposa e ao meu querido filho Miguel Oliveira da Silva Gomes.

“A avaliação não é um acerto de contas, mas um momento privilegiado do estudo precisamos ser capazes de acreditar que algo tão simples como uma visão e um conjunto claro de valores mantidos em diálogo contínuo possa levar a uma ordem superior, a aprendizagem”.

(MARGARETH, Wetley, ano).

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO.....	10
1 AVALIAÇÃO E SEUS CONCEITOS	12
1.1 Para que avaliar?	16
1.2 As formas mais comuns de avaliar?	17
2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	20
2.1 Fracassos escolares e sua relação com a evasão e repetência... ..	22
3 AS CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	27
4 PERCEPÇÃO AVALIATIVA.....	29
4.1 Perfil dos professores e seus métodos avaliativos	31
4.2 Os alunos e suas percepções avaliativas	31
4.3 Professor versus Aluno: um desafio na aprendizagem	32
4.4 Porque um aluno não aprende?.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	38

LISTA DE TABELAS

Tabela. 01 As formas mais comuns de avaliar	18
Tabela. 02 Características da clientela pesquisada	22
Tabela. 03 Indicadores de desempenho escolar: I unidade	24
Tabela. 04 Indicadores de desempenho escolar: II unidade	25
Tabela. 05 Indicadores de desempenho escolar: III unidade.....	26

RESUMO

A presente monografia é fruto de intenso trabalho, que teve como aspiração investigar “O significado da avaliação para Educadores e Educandos do Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental em Geografia no Colégio Municipal Clariézer Vicente dos Anjos na cidade de Miguel Calmon-Bahia”.

No bojo desta pesquisa procurou-se demonstrar o perfil dos professores e seus métodos avaliativos, bem como a percepção dos alunos a cerca do processo avaliativo.

A utilização de tabelas permite uma melhor visualização da problemática pesquisada, além de elucidar características da clientela questionada e demonstrar os diferentes aspectos que influenciam no fracasso escolar e dificuldades de aprendizagem.

Para atingir os objetivos propostos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental, aplicação de 100 (cem) questionários aos alunos, 5 (cinco) professores de Geografia e entrevista com 3(três) funcionários do corpo técnico- administrativo, além da pesquisa de campo.

Tornou-se notório o compromisso dos professores na utilização de diversificados instrumentos avaliativos na tentativa de amenizar sérias dificuldades apresentadas pelos discentes em relação a determinados métodos de avaliação. Todavia, percebeu-se também, que os alunos além de possuírem um baixo poder aquisitivo e equivalente nível cultural, uma grande parcela trabalha para aumentar a renda familiar, não dispendo de tempo suficiente para estudar.

Entendemos, que o ensino de Geografia precisa evoluir, principalmente, no que se refere ao uso de recursos didáticos e à prática pedagógica dos professores, a fim de que os alunos sintam-se motivados e o ensino torne-se mais interessante, eficaz e produtivo.

Partindo deste pressuposto, o professor deverá administrar a classe, posicionando-se sempre como mediador entre o aluno e o conhecimento, utilizando instrumentos eficazes para melhor avaliar, visto que a avaliação pressupõe decisão de transformação e promoção, objetivando sempre constatar progressos e reorientar o trabalho para correções necessárias.

Palavras-chave: Avaliação, Reflexão, Professor, Mediador, Conhecimento, Aprendizagem.

ABSTRACT

The present monograph is fruit of intense work that had as aspiration to investigate "THE meaning of the evaluation for Educators and Students of the Third party and Fourth Cycle of the Fundamental Teaching in Geography in the Municipal School Clariezer Vicente dos Anjos, in Miguel Calmon- BA".

In the salience of this research, it tried to demonstrate the teachers' profile and their evaluative methods, as well as the students' perception concerning the evaluative process. The use of tables allows a better visualization of the researched problem, besides to elucidate characteristics of the questioned clientele and to demonstrate the different aspects that to influence in the school failure and learning difficulties. To reach to the proposed objectives, we used the bibliographical and documental research, and application of a hundred questionnaires to the students, to five teachers of Geography and interview with three employees of the technician-administrative body, besides the field research. It became well-known the teachers' commitment in the use of having diversified evaluative instruments in the attempt of softening serious difficulties presented by the students in relation to certain evaluation methods. Though, it was also noticed that the students possess a low purchasing power and equivalent cultural level, a great portion works to increase the family income, not having enough time to study. We understood that the teaching of Geography needs to develop, mainly, in what it refers to the use of didactic resources and the teachers' pedagogic practice, so that the students are motivated and the teaching becomes more interesting, effective and productive.

Leaving of this presupposition, the teacher should administer the class, being always positioned as mediator between the student and the knowledge, using effective instruments for best to evaluate, because the evaluation presupposes transformation decision and promotion, always aiming at to verify progresses and to reorient the work for necessary corrections.

Word-key: Evaluation, Reflection, Teacher, Mediator, Knowledge, Transformation.

INTRODUÇÃO

São vários os motivos que tornam uma profissão atraente. Grandes desafios, a possibilidade de ganhar notoriedade, o salário, as perspectivas que o mercado de trabalho oferece num determinado momento. E no caso do Magistério? São muitas essas razões. Porém a dificuldade não reside na escolha que se faz, mas nas constantes provações a que este profissional está submetido, principalmente na hora de avaliar.

Ao aproximarem-se os finais de semestre e de ano, começa o martírio do professor, que precisa decidir quem será aprovado ou reprovado, porque o sistema educacional exige dados quantitativos que possam mensurar o grau de aprendizagem obtido pelos discentes naquele período letivo. Inicia-se o momento de avaliações que precisam ser efetuadas de forma austera para obter-se conceitos que possuem reflexos inerentes de punição ou promoção. Para os alunos também inicia-se uma latente amargura, visível no desconforto em serem avaliados e a não aceitação dos instrumentos avaliativos, longínquos das suas utopias e anseios. Nessa perspectiva cabe salientar o significado da avaliação para educadores e educandos, a fim de que descobrindo-se como sujeitos do processo de construção do conhecimento, possam trilhar metas na superação de dificuldades.

Para atender aos objetivos da pesquisa que nos propomos investigar “O Significado da Avaliação para Educadores e Educandos do Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental em Geografia no Colégio Municipal Clariézer Vicente dos Anjos, na cidade de Miguel Calmon-Bahia”, foi utilizada uma metodologia que permitiu observar, coletar, analisar e descrever dados referentes à realidade a que se prendeu esta investigação.

A primeira parte foi desenvolvida através de referências bibliográficas sobre o tema Avaliação e a segunda parte através da aplicação de 5 (cinco) questionários aos professores e 100 (cem) alunos, representando 10% do quadro profissional e respectivamente a mesma porcentagem em relação ao alunado; além da pesquisa de campo.

O resultado dos questionários apresentados em forma de tabelas, evidencia de forma clara qual o perfil do professor de Geografia e qual sua percepção sobre Avaliação, além de demonstrar um paralelo a cerca do processo avaliativo e percepção dos discentes em razão das avaliações praticadas no referido colégio.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: O primeiro capítulo traz em seu bojo, uma detalhada apresentação dos vários conceitos da avaliação, fazendo uma ponte de ligação com o segundo capítulo, que tenta de forma sistemática caracterizar o objeto da pesquisa (professores, alunos e métodos avaliativos), revelando um paralelo entre os critérios utilizados pelos docentes para avaliar e os fatores que influenciam no fracasso escolar dos alunos nas avaliações.

O terceiro capítulo ressalta as dificuldades de avaliar e os instrumentos que os professores de Geografia utilizam para mensurar o grau de conhecimento adquirido pelos alunos.

O quarto capítulo apresenta um quadro comparativo entre as percepções de professores e alunos sobre o processo avaliativo, analisando de forma crítica os instrumentos utilizados e sugestões apresentadas.

Nas considerações finais evidenciamos as causas das dificuldades de aprendizagem e apresentamos outras formas de avaliar, visando uma melhoria na prática avaliativa dos docentes e uma maior receptividade por parte dos alunos no ato de avaliar que é o sustentáculo mensurador de conhecimento intrínseco ao processo ensino-aprendizagem.

1 AVALIAÇÃO E SEUS CONCEITOS

A avaliação que durante décadas foi um instrumento utilizado de forma ameaçadora e autoritária, está mudando, mas continua sendo um dos grandes nós da educação moderna. Já se tem conhecimento da existência de variadas formas de se avaliar, porém a prática subjacente na atualidade, leva-nos a perceber a difícil tarefa de mudança imediata nos moldes avaliativos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394 aprovada em 1996, a avaliação do desempenho do aluno deve ser contínua e cumulativa, e os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos. Da mesma forma, os resultados obtidos pelos estudantes ao longo do ano letivo devem ser mais valorizados do que a nota da prova final.

Para que a avaliação sirva à aprendizagem, é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Assim o professor poderá pensar em caminhos para que todos alcancem os objetivos; De acordo com Luckesi (1999, p. 173):

A prática escolar usualmente denominada de avaliação da aprendizagem, pouco tem a ver com avaliação. Ela se constitui muito mais de provas/exames, do que avaliação. Provas/exames tem por finalidades, no caso da aprendizagem escolar, verificar o nível de desempenho do educando em determinado conteúdo e classificá-lo em termos de aprovação/reprovação. Desse modo provas/exames separam os “eleitos” dos “não eleitos”. Provas e exames implicam julgamentos, como conseqüente exclusão; avaliação pressupõe acolhimento, tendo em vista a transformação. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato de distinguir o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão. Transportando essa compreensão para a aprendizagem escolar como um ato amoroso, na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando, pelos mais variados meios no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida.

Todo instrumento utilizado para identificar progressos e dificuldades do aluno devem ser considerados instrumentos de avaliação e todos têm o seu grau de importância no processo avaliativo, a depender de cada situação e do que se pretende avaliar.

Muitos profissionais da Educação questionam e ficam angustiados no momento de avaliar, visto que nem sempre é fácil medir através de dados quantitativos o conhecimento adquirido pelos alunos no processo ensino-aprendizagem e não há outra forma de perceber se determinado grupo de alunos conseguiu absorver o conhecimento, ou não, a não ser por meio da avaliação.

Caso a avaliação fosse abolida! Como o conhecimento poderia ser mensurado?

Sobre esta questão Hoffmann (1998, p. 22) destaca:

O entendimento do processo em sua amplitude é restrito a poucos educadores. Quando se questiona sobre a possibilidade de eliminar a avaliação da escola, há inúmeros e entusiasmados adeptos dessa hipótese. Observo, nessas horas, que não é o processo amplo a que se referem, mas a obrigatoriedade de realização de provas e atribuição de notas finais.

Quando a avaliação se restringe à aplicação de uma prova mensal ou bimestral, há apenas um ritmo de acompanhamento dos conteúdos com planos de concentrar seus esforços para a semana de provas. Sendo assim, a avaliação não deve se limitar a ser apenas um instrumento de quantificação que se aplica no final do processo, mas sim constituir um recurso para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem.

Diante das novas tendências educacionais, o que se espera da avaliação, é que ela esteja voltada para uma perspectiva libertadora observando o que é possível superar. Na prática atual, percebe-se que isto não vem ocorrendo. A avaliação de fato tem servido para controlar o comportamento dos alunos. O professor utiliza a avaliação como instrumento de coerção em sala de aula, ou então ela serve para dizer quem está apto ou não apto para uma promoção.

Outro ponto a ser lembrado por todo professor, é que cada conteúdo ou matéria exige uma forma diferente de ensinar e também de avaliar.

Sobre este aspecto Hoffmann (1998, p.117) afirma que:

Os registros de avaliação refletem a imagem da ação desenvolvida pelo professor. Tal reflexo tende a ficar nebuloso, falso, quando os códigos a serem utilizados não permitem uma representação clara, nítida, significativa, do que se observou e do trabalho realizado junto aos alunos.

Qualquer que seja o instrumento avaliativo adotado, o professor deve perceber se ele é relevante para compreender o processo de aprendizagem da turma e mostrar caminhos para uma intervenção visando sua melhoria.

Na Geografia é preciso refletir sobre a prática de ensino, porque os professores ao analisar sua rotina de trabalho, algo que parece tão natural por fazer parte do seu cotidiano, na maioria das vezes, esquecem de avaliar se suas práticas pedagógicas estão levando em consideração a clientela que a todo ano é diversificada.

Enquanto ficamos preocupados em delimitar a Geografia, a História, Sociologia, e os conteúdos a serem trabalhados durante o ano, atribuindo maior valor a certa disciplina em detrimento de outra, esquecemos nessa fragmentação do real, que a criança vai se desinteressando cada vez mais pela escola e pela Geografia, entendendo-se dessa forma a não obtenção de bons resultados numa eventual avaliação, visto que tudo parece fragmentado até mesmo o conhecimento.

Portanto a avaliação deve ser entendida como um fator do conhecimento atrelado a uma decisão de transformação e promoção objetivando-se constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para correções necessárias.

Ao retomarmos alguns fundamentos do processo avaliativo percebemos que o ato de avaliar possui basicamente três passos.

Primeiro conhecer o nível de desempenho do aluno (constatação da realidade);

Segundo comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo (qualificação);

E em terceiro lugar tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

Contudo, para verificar a produtividade e auxiliar o processo de tomada de decisão, também é preciso definir critérios, tendo como base uma escala de valores para melhor avaliar.

Quando usamos o termo avaliar, porém estamos nos referindo não apenas aos aspectos quantitativos da aprendizagem, mas também aos qualitativos, abrangendo tanto a aquisição de

conhecimentos e informações decorrentes dos conteúdos curriculares quanto às habilidades, interesses, atitudes, hábitos de estudo e ajustamento pessoal e social.

Pensar a educação na atualidade significa pensar a formação de um homem capaz de viver numa sociedade em constante mutação, todavia, é importante ter consciência que essa multiplicidade de situações em alguns momentos exigirá do professor uma atitude de mediador nas interações educativas com seus alunos e deverá criar juntamente com eles desafios perante os conteúdos apresentados, devendo ser diversificados os materiais e recursos didáticos usados na sala de aula.

Qualquer que seja a concepção de aprendizagem e opção de ensino, estas deverão estar voltadas à formação plena do educando. Portanto, deve-se Ter sempre o cuidado de deixar claro quais são os métodos mais adequados que garantem atingir esse grande objetivo.

(PCN, Geografia, p. 133)

Segundo Jussara Hoffman (1998, p. 32) *“A escola [...] torna-se extremamente responsável pelo possível à medida que favorece oportunidades amplas e desafiadoras de construir conhecimento”*.

Diante do exposto, o que deve ser ressaltado no ato da avaliação é a quantidade da aprendizagem revelada pelo aluno tendo como parâmetro os "Marcos" da aprendizagem: Competências e Habilidades necessárias para cada ano de escolarização.

1.1 PARA QUE AVALIAR?

A função da Geografia enquanto disciplina escolar é propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições. Deve visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade, buscando favorecer a construção de conhecimentos e especialmente, de conceitos geográficos, pelos alunos.

Na atualidade a Geografia defronta-se com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo, tentando explicar como as sociedades produzem o espaço, conforme seus interesses em determinado momento histórico, bem como denotar que este processo implica uma transformação contínua. Diante do exposto, salientamos que a avaliação é um momento de fundamental importância, para que o aluno compreenda como está interagindo seu processo de aprendizagem, bem como para que o professor possa compreender como está desenvolvendo seu processo de ensino.

Em se tratando de resgate da dignidade do educando, a avaliação deve ser vista como um diagnóstico, que possibilitará uma relação horizontal professor/aluno colaborando para o exercício de reelaboração do pensamento dentro do processo de aprender a aprender, levando-o ao conhecimento e conscientização de suas dificuldades de aprendizagem como subsídio para a busca de novas alternativas e encontro de soluções. Assim o erro passa a ser um novo elemento de reflexão mútua em relação às dificuldades do aluno. Dessa forma, toda a sua produção passa a ser significativa para refletir o estágio de desenvolvimento do seu conhecimento. Todavia, a avaliação deve ser estruturada levando-se em consideração o grau de desenvolvimento e conhecimento necessários à continuidade dos estudos, devendo estar presente em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem.

Quando a avaliação restringe-se a aplicação de uma prova mensal ou bimestral, sua função fica reduzida a aspectos conceituais e a maioria dos alunos estabelece um ritmo de acompanhamento dos conteúdos com planos de concentrar seus esforços para a “semana de provas”. Assim, a avaliação não deve limitar-se a ser apenas um instrumento de quantificação que se aplica no final do processo, mas sim constituir um recurso para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem.

1.2 AS FORMAS MAIS COMUNS DE AVALIAR.

A avaliação, que durante décadas foi um instrumento ameaçador e autoritário está mudando, mas continua sendo um dos grandes nós da educação moderna. Existem diversos instrumentos para analisar o desempenho do aluno e fazer com que todos se integrem ao processo de aprendizagem. Porém é necessário lembrar que nenhum método é melhor que outro. O ideal é mesclá-los adaptando-os às necessidades e à realidade de cada turma, levando em consideração os objetivos de cada educador.

Um educador, que anseia realmente pela prática educacional voltada para a transformação, não poderá agir de forma inconsciente nem irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcada por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação.

A avaliação nesse contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político decisório, a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

Vejamos a tabela a seguir:

TABELA 1- AS FORMAS MAIS COMUNS DE AVALIAR

TIPO	DEFINIÇÃO	FUNÇÃO	VANTAGENS	ATENÇÃO	PLANEJAMENTO	ANÁLISE	COMO UTILIZAR AS INFORMAÇÕES
PROVA OBJETIVA	Série de perguntas diretas, p/ respostas curtas, com apenas uma solução possível.	Avaliar quanto o aluno apreendeu sobre os dados singulares e específicos do conteúdo.	Simplex de preparar e de responder pode abranger grande parte do exposto em sala de aula.	Podem ser respondidas ao acaso ou de memória e sua análise não permite constatar quanto o aluno adquiriu de conhecimento.	Selecionar os conteúdos para elaborar as questões e fazer as chaves de correção; elaborar as instruções sobre a maneira adequada de responder as questões.	Definir o valor de cada questão, Multiplicar pelo número de respostas corretas.	Listar os conteúdos que os alunos precisam memorizar; ensinar estratégias que facilitem associações, como listas agrupadas por idéias, relações com elementos gráficos e ligações com conteúdos já assimilados.
PROVA DISSERTATIVA	Série de perguntas que exijam capacidade de estabelecer relações, resumir, analisar e julgar.	Verificar a capacidade de analisar o problema central, abstrair fatos, formular idéias e redigi-las.	O aluno tem liberdade para expor os pensamentos, mostrando habilidades de organização, interpretação e expressão.	Não mede o domínio do conhecimento, cobre amostra pequena do conteúdo e não permite amostragem.	Elaborar poucas questões e dar tempo suficiente para que os alunos possam pensar e sistematizar seus pensamentos.	Definir o valor de cada pergunta e atribuir pesos, a clareza das idéias, para a capacidade de argumentação e conclusão e a apresentação da prova.	Se o desempenho não for satisfatório, criar experiências e motivações, que permitam ao aluno chegar à formação dos conceitos mais importantes.
SEMINÁRIO	Exposição oral para um público leigo, utilizando a fala e materiais de apoio adequados ao assunto.	Possibilitar a transmissão verbal das informações pesquisadas de forma eficaz.	Contribui para a aprendizagem do ouvinte e do expositor, exige pesquisa, planejamento e organização das informações; desenvolve a oralidade em público.	Conheça as características pessoais de cada aluno para evitar comparações na apresentação de um tímido ou outro desmiúbdido.	Ajude na delimitação do tema, forneça bibliografia e fontes de pesquisa, esclareça os procedimentos apropriados de apresentação; solicite relatório individual de todos os alunos.	Atribua peso à abertura, ao desenvolvimento do tema, aos materiais utilizados e à conclusão. Estimule a classe a fazer perguntas e omitir opiniões.	Caso a apresentação não tenha sido satisfatória, planeje atividades específicas que possam auxiliar no desenvolvimento dos objetivos não atingidos.
TRABALHO EM GRUPO	Atividades de natureza diversa (escrita, oral, gráfica, corporal etc) realizadas coletivamente.	Desenvolver o espírito colaborativo e a socialização.	Possibilitar o trabalho organizado em classes numerosas e abrangência de diversos conteúdos em caso de escassez de tempo.	Esse procedimento não tira do professor a necessidade de buscar informações para orientar as equipes. Nem deve substituir os momentos individuais de aprendizagem.	Propor uma série de atividades relacionadas ao conteúdo a ser trabalhado; fornecer fontes de pesquisa os ensinar os procedimentos necessários e indicar os materiais básicos para a consecução dos objetivos.	Observar se houve participação de todos e colaboração entre os colegas, atribuir valores às diversas etapas do processo e ao produto final.	Em caso de haver problemas de socialização, organizar jogos e atividades em que a colaboração seja o elemento principal.

DEBATE

Discussão em que os alunos expõem seus pontos de vista a respeito de assunto polêmico.

Definir o tema, orientar a pesquisa prévia; combinar com os alunos o tempo, as regras e os procedimentos; mostrar exemplos de bons debates. No final pedir relatórios que contenham os pontos discutidos. Se possível filme a discussão para análise posterior.

Desenvolver a habilidade de argumentação e a oralidade; fazer com que o aluno aprenda a escutar com um propósito.

Como mediador dê chance de participação a todos e não tente apontar vencedores, pois em um debate deve-se priorizar o fluxo de informações entre as pessoas.

Definir o tema e orientar a turma sobre a estrutura apropriada (introdução, desenvolvimento, conclusão... e outros itens que julgar necessário, a depender da extensão do trabalho).

R ELATÓRIO INDIVIDUAL

Só se aprende a escrever, escrevendo. Caso algum aluno apresente dificuldades em itens essenciais, criar atividades específicas, indique bons livros e solicite mais trabalhos escritos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Análise oral ou por escrito, em formato livre, que o aluno faz do próprio processo de aprendizagem.

Fornecer ao aluno um roteiro de auto-avaliação definido nas áreas sobre as quais você gostaria que ele discorresse; listar habilidades e comportamentos e pedir para ele indicar aquelas em que precisa de reforço.

Usar esse documento ou depoimento como uma das principais fontes para o planejamento dos próximos conteúdos.

Conhecendo a pauta de discussão, listar os itens que pretende comentar. Todos os participantes devem ter direito à palavra para enriquecer o diagnóstico dos problemas, suas causas e soluções.

CONSELHO DE CLASSE

O professor deve usar essas reuniões como ferramenta de auto-análise. A equipe deve prever mudanças tanto na prática diária de cada docente, como também no currículo e na dinâmica escolar, sempre que necessário.

2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Na atualidade as preocupações com a educação estão em evidência. A educação que além de responder adequadamente às necessidades individuais e coletivas de sobrevivência, também deve garantir o desenvolvimento e o progresso da sociedade.

Assim a educação como função social, alcança um nível aceitável de qualidade quando capacita a sociedade para a tarefa da própria sobrevivência e desenvolvimento. Nesse contexto foi escolhido como objeto de pesquisa o Colégio Municipal Clariézer Vicente dos Anjos, no município de Miguel Calmon-Bahia, entidade escolar composta por alunos de 5ª a 8ª séries do Curso Fundamental é integrado por uma comunidade mista, com grande número de alunos oriundos da zona rural do município.

O prédio escolar é uma construção nova e gradativamente vem sendo reparado nas deficiências que apresenta. Possui as seguintes dependências; 13 salas de aula, mas não tem 1m² por aluno, o que seria ideal; apesar do grande número de alunos por sala, possui uma boa ventilação. Possui também 1 sala da diretoria, 1 sala para professores, 1 sala de secretaria, 1 sala com vídeo e 1 sala para informática em fase de conclusão. A sala de professores atualmente é um ambiente pequeno para o número de professores. Por necessitar de pelo menos mais 3 salas de aula o colégio tem um anexo em outra escola .

O colégio nem possui biblioteca, nem espaço exclusivo para lazer; as atividades físicas são realizadas nas quadras poli - esportivas construídas com a finalidade de suprir as necessidades da escola, porém ficam em locais distintos.

Quanto à clientela, no ano de 2004, o colégio atendeu 1074 alunos, sendo 542 no turno matutino, 354 do turno vespertino e 178 do turno noturno. O seu quadro de professores, conta com 50 profissionais, sendo que 42% possuem nível de qualificação I, 52% têm nível de qualificação III e 6% desses profissionais são nível IV e estão concluindo o curso de pós-graduação (especialização).

Além disso, o colégio conta com duas coordenadoras pedagógicas, uma diretora e três vice-diretores, devendo ressaltar que a gestão e formas de relacionamento entre o pessoal técnico, administrativo, alunos e professores, na medida do possível é boa, porém se faz necessário exercitar mais a parceria e ajuda mútua.

Para esta pesquisa foram entrevistados 100 (cem) alunos, a secretária e 5 (cinco) professores de Geografia, representando 10% do total, objetivando assim abordar de forma sistemática a problemática pesquisada.

2.1 FRACASSOS ESCOLARES E SUA RELAÇÃO COM A EVASÃO E REPETÊNCIA

Cada pessoa possui em si mesma motivação para aprender. Conforme Becker (1997, p. 147) “*Não há educador tão sábio que nada possa aprender, nem educando tão ignorante que nada se possa ensinar*”. Analisemos a tabela abaixo:

TABELA 2 – CARACTERÍSTICAS DA CLIENTELA PESQUISADA.

SITUAÇÃO		QUANTIDADE	%
Onde estudou de 1 ^a a 4 ^a série	zona rural	46	46
	Colégio particular	5	5
	Colégio publico	49	49
Já foi reprovado	Sim	70	70
	Não	30	30
Repetiu que série	1 ^a	3	5
	2 ^a	5	7
	3 ^a	9	12
	4 ^a	15	21
	5 ^a	26	37
	6 ^a	3	5
	7 ^a	7	10
	8 ^a	2	2
TRABALHA	Sim	51	51
	Não	49	49

Fonte: Pesquisa de campo, outubro/ 2004.

Ao analisar a resposta dos alunos quanto à vontade de estudar, tornou-se evidente a não compreensão da importância do estudo para alguns. 20% disseram não gostar de estudar,

porque era chato, ruim, complicado e, sobretudo não tinham vontade nenhuma de estar naquele colégio; iam ao colégio apenas para não ficar em casa.

Quando questionados quanto ao tempo dedicado aos estudos 75% responderam que dedicavam de 30 minutos à uma hora por dia para estudar, e 35% alegaram não dispor de tempo para determinada tarefa, pois trabalhavam em período integral para aumentar a renda familiar. Esses alunos, em sua maioria, possuem um padrão elevado de pobreza e conseqüentemente nível cultural muito baixo.

Percebe-se que uma grande parcela dos entrevistados (46%) estudaram as quatro as séries iniciais do ensino fundamental na zona rural e 70% deles já foram reprovados de uma a duas vezes no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Nota-se que a 4ª e 5ª séries destacam-se concentrando um alto índice de reprovação; deve-se salientar que estas séries situam-se na faixa de transição e adaptação (mudança) do segundo para o terceiro ciclo do ensino.

No primeiro e segundo ciclos, principalmente na zona rural é de práxis (ou conveniência) que o aluno tenha somente um professor, menos disciplinas e um tempo maior para as aulas; com a mudança de ciclos mudam a quantidade de disciplinas, professores e tempo para as aulas. Além destas dificuldades, há também a necessidade de dedicar um tempo maior para os estudos, tarefa extremamente comprometida por esta clientela, que reserva pouco tempo para esta atividade. Além disso, a maioria, trabalha auxiliando a família na lavoura (60%), em casas de família (30%) como servente (10%) entre outras atividades que foram citadas na entrevista.

Tais aspectos são fatores que influenciam diretamente no fracasso escolar desta clientela. Vejamos a tabela 3.

TABELA 3- INDICADORES DE DESEMPENHO ESCOLAR NA I UNIDADE

TURNO	MATRICULA INICIAL		APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO E TRANSFERÊNCIAS		MATRICULA ATUAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MATUTINO	577	45	244	49	329	45	8	21	573	46
VESPERTINO	411	32	129	26	273	37	10	26	402	33
NOTURNO	269	22	122	25	127	17	20	52	249	20
TOTAL	1257	100	495	100	729	100	38	100	1224	100

Fonte: Pesquisa de campo/ 2004.

Estes dados foram coletados na secretaria do colégio pesquisado, onde encontra-se maiores dados, destacando séries e disciplinas específicas. Foi escolhido o total geral por melhor visualizarmos a problemática em questão. Percebe-se que na primeira unidade houve uma queda de aproximadamente 2,5% no total de alunos, incluindo os alunos transferidos e os que abandonaram os estudos, constando o maior índice na 5ª série.

Um outro fator relevante nesta tabela é o alto índice de reprovação com 729 alunos, fato não compreendido totalmente neste primeiro momento, visto que ainda é uma fase de adaptação (comentada anteriormente) e muitos abandonam os estudos neste primeiro momento. Analisemos, portanto o que escreve Souza (1991, p.103) apud Hoffmann (1998, p.33) sobre o tema.

Sem desconsiderar que há causas fora da escola que condicionam as dificuldades e insucessos dos alunos, é preciso verificar também, dentro da escola, como esta vem tratando as suas dificuldades e produzindo os seus fracassos. Reconhece-se que também na escola por mecanismos mais ou menos explícitos, há uma prática discriminatória que acentua um processo de seleção e manutenção da hierarquia social. Aí situa-se o processo de avaliação da aprendizagem que reflete e é um reflexo da dinâmica escolar.

Constituída por uma diversidade de culturas, a sociedade atual vive em constante transformação; inclusive no ambiente extraclasse, onde as crises eclodem concomitantemente com o avanço tecnológico, induzem o homem, em função da conquista de um espaço na sociedade a agredir, intimidar, e afrontar seu semelhante, provocando a falta de tolerância no convívio social que é pronunciada de maneira inadequada e indisciplinar no ambiente escolar.

Dessa forma o ato de avaliar começa pela diagnose, em seguida pela investigação e levantamento de informações sobre todo processo ensino-aprendizagem. Passado esse primeiro momento de alto índice reprovatório, analisemos o que ocorreu na segunda unidade:

TABELA 4 -INDICADORES DE DESEMPENHO ESCOLAR NA II UNIDADE

TURNO	MATRICULA INICIAL		APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO E TRANSFERÊNCIAS		MATRICULA ATUAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MATUTINO	573	46	251	45	315	48	13	24	564	47
VESPERTINO	402	33	151	27	246	38	15	28	390	32
NOTURNO	249	20	149	27	89	14	25	47	225	20
TOTAL	1224	100	551	100	650	100	53	100	1179	100

Fonte: Pesquisa de campo, outubro/ 2004.

Ao analisar a tabela 4 constatamos que ainda há um alto índice de reprovação nesta unidade, alcançando aproximadamente 53%, ou seja, de 1224 alunos matriculados, 650 não obtiveram o rendimento desejado. Além desse fato verificamos que o número de alunos que abandonaram os estudos também cresceu 3%.

Outro dado pertinente é que, o percentual de reprovação é superior ao de aprovação nas duas unidades.

Quando esta pesquisa foi realizada, havia uma considerável redução do número de discentes que passou de 1224 para 1179, na segunda unidade (tabela 4), ocorrendo em maior número com alunos do turno noturno.

TABELA 5 -INDICADORES DE DESEMPENHO ESCOLAR NA III UNIDADE

TURNO	MATRICU- LA INICIAL		APRO- VADOS		REPRO- VADOS		ABANDONO E TRANSFERÊNCIAS		MATRICU- LA ATUAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MATUTINO	558	48	221	49	321	51	19	23	542	50
VESPERTINO	368	32	131	30	222	35	17	20	353	33
NOTURNO	224	20	94	21	84	14	47	57	178	17
TOTAL	1150	100	446	100	627	100	83	100	1073	100

Fonte: Pesquisa de campo, outubro/ 2004.

Na terceira unidade houve uma nova redução na quantidade de discentes, passou de 1150 para 1073 (tabela 5), queda de aproximadamente 7%.

O percentual de alunos (83%) que abandonaram ou pediram transferência continuou extremamente alto, principalmente do turno noturno (57%).

Pode-se comprovar que o número de reprovados (627) é superior ao número de aprovados (446) nos três turnos. Este fato não foi explicado pela coordenação pedagógica do colégio.

Ao pesquisar detalhadamente quais as disciplinas que apresentaram um maior índice de reprovação, constatou-se que foram língua portuguesa, matemática e turismo as mais problemáticas. As razões para explicar tal fator foram as mais diversas. Os professores dizem que o problema está na falta de leitura (os alunos não gostam de ler) e dificuldade de interpretação, além do desinteresse por parte dos alunos na hora de produzir textos.

Quando esta pesquisa foi realizada, não havia sido computado o resultado das avaliações da quarta unidade.

3 AS CAUSAS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.

Por que os alunos abandonam o estudo nas primeiras unidades?

Que fatores influenciam na permanência do alto índice reprovatório?

Estas são questões que carecem de uma intensa e grandiosa reflexão, pois sabemos que nesta problemática há diversos e diferenciados fatores que causam, interferem e provocam as reprovações e a não permanência dos alunos até o final da unidade, como veremos a seguir.

Sabendo que a avaliação é ferramenta necessária para conhecer, levantar informações e dados relevantes para que o professor conheça os avanços dos alunos, permitindo levantar hipóteses e identificar as causas que interferem na aprendizagem, possibilitando reorientar as ações para o alcance dos objetivos propostos. A grande pergunta que se faz nesse momento é:

Por que após a primeira avaliação (diagnóstica) ainda houve um alto índice de reprovação na segunda unidade?

Conforme 60% dos professores entrevistados, um dos fatores que influenciam no fracasso escolar dos alunos nas avaliações é a *“falta de base, no que se refere à alfabetização. Não lêem, nem interpretam corretamente, e acabam respondendo errado”*.

Apesar da prática pedagógica dos professores ser diversificada, adotando diversas metodologias, existem alunos que superam as expectativas em certos métodos utilizados, mas apresentam sérias dificuldades em outros, por isso a maioria dos professores diversificam as técnicas avaliativas na tentativa de sanar as dificuldades apresentadas.

Utilizando uma avaliação processual contínua e cumulativa, através de diversas técnicas, os professores puderam observar também que muitos dos alunos não estão preocupados com a reprovação nas unidades, porque no decorrer do ano letivo existe a recuperação paralela e ao final do ano a reorientação e dependendo da disciplina (por exemplo, geografia, que não tem peso reprovatório) ele será promovido pelo conselho de classe.

Nesse contexto, segundo uma professora entrevistada, *“a avaliação ainda é um instrumento usado pelo professor para intimidar o aluno e forçá-lo a estudar”*.

Na percepção dos alunos, os fatores que mais influenciam nas dificuldades de aprendizagem são: os conteúdos trabalhados em sala de aula que distanciam-se do seu universo de interesses; as questões das provas que, na maioria das vezes, não conseguem

interpretar; e a falta de tempo para estudar, pois precisam trabalhar para contribuir com a renda familiar.

Quando questionados sobre a qualidade da prova de geografia, muitos a consideram de razoável a boa, porém 60% deles às vezes não compreendem, nem conseguem responder todas as questões da avaliação, ora por não interpretarem corretamente os questionamentos, ora por não haverem estudado o conteúdo aplicado.

Aqui evidenciamos um outro aspecto que é a escolha da melhor forma de ser avaliado; 54 % dos alunos preferem os trabalhos práticos, por considerarem mais fáceis de realizar e por haver uma maior liberdade na execução e apresentação das atividades propostas, além disso, há uma maior facilidade em pesquisar e grandiosa riqueza de informações. Os professores acreditam que, a deficiência dos alunos na hora das avaliações reside na dificuldade em resolver cálculos matemáticos e interpretação de textos mais complexos.

Outro fator relevante é a utilização dos conteúdos programáticos que se distanciam do universo de vivência dos educandos, sendo acolhido sem real interesse por parte destes.

Analise como expressa-se Cavalcante (1998, p. 20).

O ensino da Geografia, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes imposta à memória dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão de espaço geográfico, nas suas contradições.

Por tudo isso, torna-se necessário repensar o papel social da escola e da própria avaliação, principalmente em Geografia, visando compreender, definir e reorientar práticas e objetivos, para formar cidadãos críticos, voltados à sua realidade e integrados à sociedade moderna, através das mais variadas estratégias.

Todavia, reflexões como esta não constitui receita milagrosa, porém é pequerrucho caminho reflexivo.

4 PERCEPÇÃO AVALIATIVA.

A temática avaliação tem ocupado bastante espaço nas reflexões sobre o ambiente escolar na atualidade.

Porém é necessário refletir de forma cautelosa esta problemática, visto que:

[...] do ponto de vista da escola, o mais importante é o projeto político pedagógico, a questão do desenvolvimento e da formação humana, da cidadania, da construção do conhecimento. Por outro lado, do jeito como a avaliação vem sendo feita, autoritária, meramente classificatória, só para constatar e não para intervir, ela acaba comprometendo mesmo a concretização do projeto. (VASCONCELOS, 2001 p. 12).

Avaliação é um tema que precisa ser tratado com muito critério, porque tem muitos desdobramentos. A prática da avaliação tem efeito perverso em todos os campos. Do ponto de vista estritamente pedagógico, ela provoca a não aprendizagem, porque os alunos ficam mais preocupados em tirar nota, do que em aprender. Muitas vezes os professores criticam isso, sobretudo nas séries mais avançadas, mas eles não se dão conta que o alunado não nasceu assim. Eles afirmam que nas séries iniciais, adoravam vir para a escola, nem pensavam em nota. Agora, a própria escola ensinou que era preciso tirar nota. Quando chegam nas séries mais adiantadas os alunos já estão condicionados.

Do ponto de vista psicológico, os estragos são enormes. Há muitas pesquisas mostrando toda a questão da auto estima, da falta de segurança, deformações psicológicas que ocorrem em função da avaliação. Segundo Celso Vasconcelos (2001, p.12), *“Existe criança que passa a ter mais prazer em ver o coleguinha ir mal, do que em ela ir bem. É que está sendo inculcado na criança precocemente um sentimento de competição”*.

Do ponto de vista econômico, o dinheiro que é gasto com reprovações e evasões poderia ser aplicado na educação de crianças que estão fora da escola.

O grande drama é este: O professor cheio de boa vontade corrige provas, para classificar o aluno e esta classificação é para exclusão.

Nesse sentido, Celso Vasconcelos (2001, p.13) afirma que: *“De fato, a nota é uma coisa muito limitante, relativa, frágil. Só que não adianta querer mudar a forma de expressar, se não muda a intencionalidade”*.

Quando o professor prejudica os alunos com uma nota baixa ou com o parecer descritivo, todo cheio de preconceitos, dizendo que são preguiçosos ou relapsos. Nesse caso, a intenção continua a mesma: constatar, classificar.

Veremos o que os professores entrevistados entendem por avaliação.

Para alguns a avaliação *“[...] permite saber se o trabalho foi realmente proveitoso, caso contrário, poderá rever seus métodos avaliativos, obtendo o resultado desejado”*.

Para outros a avaliação é: *“... uma maneira de perceber se o conteúdo foi bem aproveitado e compreendido pelos alunos”*.

Há também aqueles que acreditam que a avaliação *“... ainda é um instrumento usado para intimidar os alunos e forçá-los a estudar”*.

Entre todas as percepções, o ponto em comum é que, usada para verificar a aprendizagem, mesmo visando a intimidação, a avaliação ainda serve para diagnosticar e reorientar o processo ensino-aprendizagem, mesmo que permaneça apenas na teoria.

4.1 PERFIL DOS PROFESSORES E SEUS MÉTODOS AVALIATIVOS.

O colégio pesquisado possui 50 professores dos quais 42% tem formação em outras áreas, cujo nível de qualificação é I, e 52% tem nível de qualificação III e 6% desses profissionais estão em fase de conclusão da pós-graduação (especialização).

No colégio, os profissionais trabalham a pedagogia de projetos, com técnicas variadas e utilizam a aula expositiva entre outras, enfatizando a leitura, escrita, produções textuais para despertar a criticidade dos alunos.

Os professores entrevistados utilizam métodos variados para avaliar, dentre os quais citamos: testes, análise de filmes, resumos, fichamentos, seminários, pesquisas, produções de textos, entre outros, e utilizam como critérios avaliativos, a criatividade, compromisso, desempenho, organização e confecção dos trabalhos originais com intervenções críticas oriundas do educando.

4.2 OS ALUNOS E SUAS PERCEPÇÕES AVALIATIVAS.

Todos os alunos consideram a avaliação necessária e relevante no processo ensino aprendizagem.

Muitos afirmaram que a avaliação além de mensurar o conhecimento adquirido no decorrer da unidade, é também uma forma dos professores verificar se entenderam o assunto.

Indispensável na promoção para uma nova série, alguns alunos dizem que se há um momento avaliativo, eles são forçados a estudar, se não há eles nem ligam, estudam somente no dia anterior à avaliação.

Cabe salientar, entre outros, um depoimento bastante insigne, onde um aluno disse que para ele a avaliação era importante, pois além de mostrar o que ele havia aprendido, também influenciava no mercado de trabalho, pois quem possui um histórico melhor, tem maior possibilidade de conseguir melhores empregos.

Somente 10% dos entrevistados consideram a avaliação desnecessária, porque em suas percepções numa avaliação, isto é, teste ou prova, não havia possibilidades de revelar o grau

de conhecimento adquirido nem tão pouco, a qualidade e significação do que estava sendo ensinado, porque *“quem estuda passa, e quem pesca também”*.

Conforme Celso Vasconcelos (2001,p. 12) *“[...] se espera de uma avaliação, com uma perspectiva libertadora, justamente o que vem a partir disto: ver o que é possível superar”*.

4.3 PROFESSOR VERSUS ALUNO: UM DESAFIO NA APRENDIZAGEM.

A avaliação é um processo contínuo e sistemático que visa verificar em que medida, os objetos pedagógicos foram sendo atingidos. É prerrogativa do professor, que planejou sua proposta de ensino e conhece os limites e as possibilidades de seus alunos. Eles por sua vez, devem participar ativamente da avaliação, desde que sejam chamados a refletir a respeito de seus avanços no processo de aprendizagem e da qualidade do trabalho coletivo.

A avaliação que é um veículo pelo qual o professor deveria verificar se está atingindo seus objetivos; terminou tomando o sentido de verificar se o aluno memorizou o que o professor “pensa” que deveria ser memorizado ou o que manda o programa. Todavia, a mensuração do conhecimento através de pontos, conceitos ou notas, para atingir tais objetivos, quando se aplica uma prova, acaba tendo um objetivo diverso do que deveria ter; ou seja punir em lugar de verificar a aprendizagem; isso porque uma das formas mais sutis de se castigar é a ameaça da reprovação; o teste “relâmpago” como tem sido denominado, que é realizado para “pegar” os alunos de “surpresa” e sem dúvida causando medo, ou melhor, pânico entre os educandos.

Para Hoffmann (1998 p. 53);

(...) conceber e nomear o 'fazer testes', o 'dar notas', por avaliação é uma atitude simplista e ingênua! Significa reduzir o processo avaliativo, de acompanhamento e ação com base na reflexão, a poucos instrumentos auxiliados desse processo, como se nomeássemos por bisturi um procedimento cirúrgico.

No processo quantitativo de avaliação, o erro na prova é visto de forma estanque. Na maioria das vezes, não há um trabalho de reflexão em cima dos erros dos educandos, fazendo com que a avaliação se torne uma razão de controvérsias entre educandos e educadores, havendo uma enorme diferenciação entre educar e avaliar.

Avaliar, conforme Cipriano Carlos Luckesi (1999, p.173) "*... tem por base acolher uma situação para, então ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança se necessário*".

Educar por sua vez, faz parte de um processo interno, pessoal e intransferível, resultante da construção do conhecimento a partir de vivências e experiências cognitivas pessoais.

Segundo os PCN (1997, p. 132) "*O professor deverá fugir de atitudes padronizadas, que congelam as multiplicidades de situações em que a relação professor/aluno e área tornam-se um grande desafio*". Todavia é importante ter consciência que essa multiplicidade de situações em alguns momentos, exigirá do professor uma atitude de mediador nas interações educativas com seus alunos. Juntamente com eles deverá criar desafios perante os conteúdos apresentados, devendo ser diversificados os materiais e recursos didáticos, além dos métodos avaliativos utilizados na sala de aula.

4.4 PORQUE UM ALUNO NÃO APRENDE?

Creemos que, se compreendermos que a avaliação auxilia a aprendizagem, estaremos atentos às necessidades dos educandos e objetivando perspectivas de crescimento.

Se no espaço pesquisado são trabalhadas metodologias e técnicas diversificadas, porque os alunos não aprendem?

Na percepção de alguns professores (60% dos entrevistados) os alunos não aprendem porque são desatentos, tem dificuldades de interpretação, deficiência na leitura, falta de base no que se refere à alfabetização. Já o restante (40%) acredita que a deficiência na aprendizagem dos alunos é alicerçada na má formação dos professores das séries anteriores, que aprovaram o aluno sem que estivesse apto para cursar a nova série. E, sobretudo culpam também o sistema educacional, que facilita demais, aprovando de qualquer forma, para que a estatística educacional não fique no “vermelho”.

Dado o envolvimento afetivo que o professor acaba tendo com sua prática profissional, é inevitável que o fracasso de seus alunos acabe por atingi-lo em sua auto-imagem, colocando em questão sua própria competência. Na medida em que não consegue articular este fato à falta de assistência técnica, à instabilidade funcional, aos baixos salários, à ausência de recursos didáticos, e a própria má qualidade de sua formação; ele tem apenas as alternativas, ou de assumir também o fracasso, ou de buscar entre os indicadores mais imediatos os supostamente responsáveis. E o que ganha visibilidade para ele é a situação de carência dos alunos com os quais se defronta a cada dia em sala de aula. (MELLO, 1995 p. 95 apud HOFFMANN, 1998, p.44)

Diante da realidade educacional, os professores entrevistados sugerem que a avaliação seja feita partindo do comportamento do aluno, sua participação, desempenho e compromisso nas atividades propostas (avaliar o aluno como um todo, pessoa, cidadão...).

Os docentes reforçam a necessidade da utilização de diversos instrumentos avaliativos, visto que a depender da realidade e capacidade cognitiva da turma ou indivíduo, o procedimento avaliativo obterá resultados diversificados e surpreendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode falar em avaliação sem falar em educação. Educar não é tarefa fácil, principalmente, numa época em que a escola já não corresponde aos anseios da sociedade; mesmo porque a escola não está conseguindo definir bem o seu papel. Sendo assim, é indispensável refletir sobre avaliação à partir da escola, pois ao repassar coisas prontas para decorar desestimula a vontade de aprender dos alunos, e nenhum aluno agüenta isso.

Conforme Jussara Hoffmann (1998, p.66) ... *As tarefas na escola deveriam ter o caráter problematizador e dialógico, momentos de troca de idéias entre educadores e educandos na busca de um conhecimento gradativamente aprofundado.*

Na escola deve-se estabelecer canais límpidos de comunicação entre educadores e educandos, definindo de forma clara e democrática os objetivos, regras e critérios, sempre baseados numa escala de valores para melhor mensurar o rendimento discente. Avaliar nos aspectos quantitativos da aprendizagem, mas também os qualitativos abrange tanto a aquisição de conhecimentos e informações decorrentes dos conteúdos curriculares, quanto às habilidades, interesses, atitudes, hábitos de estudo, ajustamento pessoal e social. Todavia há uma necessidade de diversificar os instrumentos e metodologias do processo avaliativo, que se constituindo tarefa necessária e permanente do trabalho docente, deve acompanhar todo o processo ensino-aprendizagem, objetivando-se constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para correções indispensáveis.

O Colégio Clariézer Vicente dos Anjos têm se preocupado bastante com tal problemática e na medida do possível vem procurando sanar as dificuldades, através de um acompanhamento pedagógico mais participativo junto ao quadro docente e uma maior flexibilização quanto aos métodos avaliativos empregados pelos professores. A avaliação no colégio tem caráter processual contínuo. Cabe salientar que através das mais variadas estratégias os professores têm procurado as melhores formas para mensurar o grau de conhecimento adquirido pelos alunos. Todavia, ainda se faz necessário exercitar a parceria e ajuda mútua entre o pessoal técnico-administrativo, alunos e professores que não possuem um trabalho integrado, nem tão pouco interdisciplinar. Acredito que trabalhando com temas transversais tais como: ética, solidariedade, pluralidade cultural, respeito, etc, ajudaria bastante nesta árdua tarefa de formar indivíduos conscientes preocupados com sua realidade.

Quanto aos discentes, a compreensão sobre a importância do processo avaliativo ainda é restrita. Porém a qualidade e significação do que está sendo ensinado distancia-se do seu universo de vivência.

Por tudo isso, consideramos que para realmente existir educação de qualidade é imperativo, que a escola sob a égide da avaliação construa um ensino eclético, dinamizado, onde o fundamental e essencial é aprender a pensar com criticidade, refletindo, buscando novos caminhos, construindo conhecimento e acima de tudo formar cidadãos conscientes e integrados nessa sociedade em constante mutação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério de Educação e Cultura - MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Geografia**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental- SEF, 1997.
- BECKER, Fernando. **Da ação à operação: O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Palmarinca, 1997.
- CAVALCANTE, Laura de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. São Paulo: Papirus, 1998.
- GENTILE, Paola; ANDRADE, Cristina. Avaliação nota 10. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Abril Cultural, n. 147, p. 15-21, novembro 2001.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **A avaliação mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à Universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: A avaliação escolar**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições**. São Paulo. Cortez, 1999.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- OLIVEIRA, S. Roseli; MACEDO, Hercules. **O professor e a avaliação; Avaliação escolar**. Disponível em: [www. Projeto educar.com.br/avalia](http://www.Projetoeducar.com.br/avalia) em fevereiro 1998.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens: Entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- PELLEGRINI, Denise. Avaliar para ensinar melhor. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Abril Cultural, nº 159, p. 26-33, janeiro/fevereiro, 2003.
- SALGADO, Sebastião. Retratos de crianças do êxodo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 10¹
- VASCONCELOS, Celso. Mudar a avaliação. Sem essa de exclusão. **Revista Mundo Jovem**, Rio Grande do Sul: n. 318, p. 12-14, julho 2001.

¹ Criança sem terra num acampamento em Barra da Onça. Sergipe, Brasil, 1996; que ilustra o livro referenciado.

ANEXOS

ANEXO A:
QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM OS PROFESSORES

() Participei recentemente

() Participo quando oferecido.

10. Qual a sua percepção sobre avaliação?

.....
.....
.....
.....
.....

11. Quais os critérios que você utiliza para avaliar?

.....
.....
.....
.....
.....

12. Quais os tipos de avaliação utilizados?

.....
.....
.....
.....

13. Na sua opinião, quais os fatores que influenciam no fracasso escolar dos alunos nas avaliações?

.....
.....
.....

14. Diante da realidade educacional, quais são suas sugestões para melhor se avaliar?

ANEXO B:
QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM ALUNOS

QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM OS ALUNOS SITUAÇÃO EM 2004

Colégio Municipal Clariezer Vicente dos Anjos

Idade.....Sexo: () Masculino() Feminino. Série que esta cursando?.....

1. Onde estudou da 1ª a 4ª série?

() Zona Rural () Colégio Particular () Colégio Público

2. Já foi reprovado (a)?

() Sim () Não

Quantas vezes?..... Em que série?.....

3. Você gosta de estudar?

() Sim () Não

Porquê?.....

4. Você trabalha?

() Sim () Não

Em quê?..... 5.

Dedica um tempo para os estudos?

() Sim () Não

Quanto tempo?.....

6. Como você classifica a prova de Geografia?

() boa () razoável () ruim

7. Você entende e consegue responder todas as questões da avaliação de Geografia?

() Sim () Não () Às vezes

8. Você acha que a avaliação é necessária?

() Sim () Não

Porquê?

6. Na sua opinião qual a melhor forma de ser avaliado?

() Testes () Provas () Trabalhos () Seminários () Outros.
Quais?..... 10

. Dê outras sugestões para melhorar a forma de se avaliar: